

# A hora e vez de Manuela Mãe-traga<sup>1</sup> – ABC<sup>2</sup>

Gustavo Machado<sup>3</sup>

## 1. INTRODUÇÃO / APRESENTAÇÃO

Antes de começar a falar o que pensei a respeito do filme, gostaria de contar um pouco a respeito de como foi receber o convite da ABC para estar com vocês hoje à noite.

Particularmente, gosto de acreditar que a nossa mente funciona com uma agilidade assustadora para pensar, ou imaginar, hipóteses e situações. E, no breve segundo que sucedeu o convite, as primeiras coisas que pensei foram “Será que eu estarei vivo daqui um mês!? Será que estarei saudável? Não terei sido contaminado pelo coronavírus e precisarei ser internado?” Ainda neste mesmo segundo, continuei “Poxa, que bom que a Aline acredita que eu vou estar vivo até lá! É sempre bom ter mais pessoas que acreditam na nossa vida.”

Penso que este momento que vivemos com a pandemia do coronavírus, e consequentes pandemônios internos, um momento tão inusitado, não-pensado, sequer imaginado, ou seja, inédito para as gerações atuais, escancara uma realidade brutal que vez ou outra insistimos, arrogantemente (Bion, 1957), em não enxergar. Somos pequenos, somos frágeis, somos mortais.

O clamar pela mãe, movimento tão característico em bebês e crianças quando em situações de desamparo e medo, sejam eles físicos ou mentais, parecem mais presentes nos tempos atuais. Não tem sido raro nos depararmos com momentos de extremo desamparo em que se chora pela mãe, tal como o menino-homem Nhô Augusto, de Guimarães Rosa, no processo de ter sua hora e vez para se tornar um novo homem (Rosa, 2001, pág. 378):

Esfriou o tempo, antes do anoitecer. As dores melhoraram. E, aí, Nhô Augusto se lembrou da mulher e da filha. Sem raiva, sem sofrimento, mesmo, só com uma falta de ar enorme, sufocando. Respirava aos arrancos, e teve até medo, porque não podia ter tento nessa desordem toda, e era como se o corpo não fosse

---

<sup>1</sup> Alusão e paráfrase do conto de Guimarães Rosa “A hora e vez de Augusto Matraga”

<sup>2</sup> Trabalho apresentado na reunião da Associação Brasileira de Candidatos “ABC CULTURAL – ARTE E PSICANÁLISE”, realizada no dia 28 de maio de 2020.

<sup>3</sup> Psicólogo, membro filiado da SBPRP | contato: [gustavo@clinicakline.com.br](mailto:gustavo@clinicakline.com.br)

mais seu. Até que pôde chorar, e chorou muito, um choro solto, sem vergonha nenhuma, de menino ao abandono. E, sem saber e sem poder, chamou alto soluçando:

— Mãe... Mãe...

Dar conta da nossa finitude exige que tenhamos uma função continente da mente, e que façamos uso constante de nossa capacidade negativa. Suportar o não-saber, o incerto, nos coloca em estado de desamparo emocional. E, em tempos de pandemia, no qual os conteúdos internos, produtos de nossas mentes (elementos beta) se multiplicam exponencialmente, talvez na mesma proporção que as mortes causadas pela doença, uma ampliação do nosso continente se faz ainda mais necessária. Penso ser preciso um exercício constante para permanecermos “na incerteza, no mistério, na dúvida” (Keats) sustentando este não saber, ao invés de desesperadamente buscarmos explicações, fatos ou razões.

## 2. ACIDENTE / CESURA

A condição adquirida e desenvolvida de suportar o não saber não nos previne de acidentes. Eles acontecem. E este é o cenário do filme “Tudo sobre minha mãe” (1999), de Pedro Almodóvar.

Esteban, que está escrevendo a história de sua mãe Manuela e, ao mesmo tempo, à procura de sua própria história, em busca de suas origens e, talvez, tentando ser mais autêntico a si mesmo, é morto tragicamente em um acidente.

Poderíamos propor que o acidente se deu a partir da arrogância de Esteban em acreditar que não haveria mais ninguém na rua além dele e do carro que ele perseguia. Arrogância e desastre. “Bion (1957) diz que *“na personalidade em que predominam os instintos de vida, o orgulho se converte em respeito a si mesmo; predominando os instintos de morte, o orgulho se transforma em arrogância”* (pág 101).

Ali termina a história de Esteban. A fragilidade humana se impôs e temos então uma cesura (de morte). Assistimos ao fim da história que Esteban contava sobre sua mãe e agora Manuela assumirá a narrativa.

O filho que nascera há exatos 17 anos, agora está morto e sua mãe terá então de lidar com a continuidade, as transformações e consequências deste “nascimento às avessas”. Quando nasce uma mãe, ou um pai, nasce também o medo de perder o filho. Uma realidade possível que nos assombra. Desta forma, assim como nasce uma mãe ao

nascer um bebê, podemos pensar que nasce também um vazio para a mãe que não tem mais o seu filho.

Renato Russo, em seu belíssimo disco “The Stonewall Celebration Concert” (1994) canta “If Tomorrow Never Comes” (Se o amanhã nunca chegar), música composta por Kent Blazy e Garth Brooks:

Às vezes tarde da noite  
Eu fico acordado e o vejo dormindo  
Ele está perdido em sonhos tranquilos  
Então eu apago as luzes e deito lá no escuro  
E um pensamento passa pela minha cabeça  
E se eu nunca acordar de manhã  
Ele duvidaria da forma como sinto  
Sobre ele em meu coração?

Se o amanhã nunca chegar  
Ele vai saber o quanto eu o amava?  
Eu tentei de todas as maneiras mostrar todos os dias  
Que ele é especial?  
E se meu tempo na terra for interrompido  
E ele tiver que enfrentar este mundo sem mim?  
O amor que eu dei a ele no passado  
Vai ser o suficiente para durar  
Se o amanhã nunca chegar?

Como mortais e frágeis que somos, estamos sujeitos a acidentes, doenças incuráveis ou outras causas de morte até então inimagináveis. Eu, pai, posso morrer. Ele, meu filho, pode morrer. Penso não ser preciso viver essa experiência para imaginá-la devastadora.

Manuela vive essa dor no filme de Almodóvar e precisa também viver, agora na realidade, a peça tantas vezes encenada com os médicos quando ensina melhores formas de se comunicar a possibilidade de doação de órgãos. O coração a ser transplantado agora é de Esteban, do seu filho Esteban.

A continuidade na cesura da vida de Manuela, em um primeiro momento, é concreta: viajar até Corunha para ver quem recebeu o coração de seu filho. Mas o concreto, duro que é, não acalenta as dores da alma. O órgão coração apenas simboliza/representa o amor, mas não é o amor.

A banda irlandesa U2 lançou um álbum em outubro de 2000 cujo título é “All That You Can’t Leave Behind” (Tudo o que você não pode deixar para trás). O título do álbum é um verso da música “Walk on”:

E o amor não é uma coisa fácil  
A única bagagem que você pode trazer  
É tudo o que você não pode deixar para trás

E, parafraseando essa música do U2, onde um pouco mais adiante Bono canta que “Lar é onde a dor está”, podemos pensar que “lar é onde o coração está”. Na versão simbólica do coração, o amor e a dor coexistem e coabitam este mesmo espaço.

Manuela então dá início ao seu processo de transformação e, em busca do seu coração, de amor, do seu lar, faz o caminho de volta a Barcelona, de onde fugira há 17 anos. Porém, no lugar de um filho no ventre, a bagagem que carrega agora é, talvez, a maior de todas as dores, a mais profunda de todas as feridas.

Bion (1977) sugere que podemos lidar com as situações da vida tal como o jogo “Cobras e Escadas”. Neste famoso jogo inglês, conforme o número que se tira nos dados será a quantidade de casas a andar no tabuleiro. E, dependendo de onde se para, o participante pode subir (casa-escada) ou cair (casa-cobra). Ele compara, analogamente, às escolhas possíveis a um paciente, que tanto pode

“(…) recair na cabeça de uma cobra e ele retorna para um aparentemente infeliz estado de coisas que deplora e lamenta; ou pode chegar a uma escada e achar-se na posição de ser capaz de fazer diversos movimentos em direção ao seu objetivo final — o que também pode lamentar. Em qualquer situação a escolha que o paciente faz força um reajustamento às consequências. Muito, então, depende da extensão em que ele é vítima de seu auto-ódio ou de sua auto-estima” (pág. 130).

A viagem de Manuela para Barcelona parece representar a escolha da auto-estima em detrimento ao auto-ódio, ao partir em busca de seu coração-representado, e não do coração-concreto, músculo, de seu filho.

### 3. BARCELONA / MATERNIDADE (Rêverie/Função alfa/Vínculo)

Manuela é mãe. Manuela traz a mãe, carrega sua maternidade em si, junto com a tragédia vivida. E ser mãe, ou pai, é função da mente. Não se “desinstala” como a um aplicativo no celular. Assim, a maternagem de Manuela logo pôde ser restaurada e expandida ao encontrar novas “filhas” para acolher: Agrado, Irmã Rosa, Huma, Nina.

Manuela cuida de Agrado, quando esta apanha de um cliente; cuida de Rosa quando esta descobre que está grávida e que a gravidez traz riscos de morte; ajuda Huma a cuidar de Nina; cuida de Lola, ao reencontrá-la e perceber sua fragilidade, compartilhando a histórias dos filhos; e, por fim, cuida do bebê Esteban.

Desta forma, sem se evadir de viver sua dor, ao exercer a sua maternagem com essas pessoas, Manuela pode ser a mãe de si mesma, cuidar de si mesma. Ser sua própria enfermeira para tratar de sua ferida.

Na peça de Tennessee Williams “Um bonde chamado desejo”, encenada no filme, uma das últimas falas de Blanche, personagem representada por Huma, diz “Quem quer que você seja, eu sempre dependi da bondade de estranhos”. E, seguindo a intertextualidade já utilizada anteriormente no filme, Huma, agora ela mesma, repete a frase para Manuela, quando esta se dispõe a ajudá-la a procurar Nina.

Podemos pensar que o primeiro contato com o mundo externo que o bebê experimenta é com um estranho: a mãe. A mãe, neste primeiro momento, é estranha e conhecida, estrangeira e familiar ao mesmo tempo. O bebê nasce com uma pré-concepção do seio, com a expectativa de preencher este lugar vazio, a expectativa de uma realização, que poderá ser positiva ou negativa (Bion, 1962a). Ao se comunicar, por exemplo um choro de fome, a mãe poderá receber, decodificar, desintoxicar e devolver algo nutritivo para ele. Desta forma, realização positiva, o bebê descobrirá a existência de um estranho lá fora, e que é bom. Assim, desde o início de nossas vidas, dependemos da bondade de estranhos. A rêverie materna é, portanto, o primeiro contato com o mundo externo. Manuela-mãe e Huma-filha: está estabelecido um novo vínculo.

Para Ferro (2005),

“(…) toda mente, ao nascer, necessita de uma outra mente para poder se desenvolver. Esse desenvolvimento se dá através de um jogo de projeções e introjeções. Angústias e sensorialidades primitivas são evacuadas na mente da mãe (identificação projetiva) e, depois de ‘tratadas e bonificadas’ pela função alfa materna, são devolvidas à criança transformadas em elementos

figuráveis (elementos alfa) juntamente com o método para tratá-las (função alfa)” (pág. 29).

Desta forma, é fundamental para o bom desenvolvimento da função alfa na criança que ela encontre em sua mãe um continente capaz de acolher e transformar suas angústias e medos, seus elementos beta, projetados. Ao oferecer este acolhimento, transformação, desintoxicação e a devolução de algo palatável para a criança, a mãe serve como um modelo de mente a ser apreendido.

O resultado deste processo de transformação de elementos beta pela função alfa resulta em elementos alfa. Estes são como as ilustrações individuais de uma película de desenho animado, porém ainda não distinguíveis. Ou seja, quando colocados em sequência começam a tomar a forma de um filme de animação, mas que necessitam ainda de um aparelho para a projeção que iniciará a transformação dos desenhos em um filme de animação.

Sendo assim, quanto maior e mais elástico for o continente, mais condições a mente terá de acolher e transformar o conteúdo proveniente do mundo interno ou externo. Ferro sugere que o desenvolvimento de continente se dá *“a partir de repetidas experiências de microestar em uníssono”* (pág. 30) e penso ter sido o que Manuela pôde oferecer a cada uma de suas novas “filhas”.

Com Agrado podemos observar que a amizade com Manuela foi preservada dentro de ambas, apesar do tempo e da distância:

— “Gosto de me despedir de quem eu amo, nem que seja pra chorar, filha da puta!”

A possibilidade de se estabelecer ou preservar uma amizade se dá em função do que Bion chamou de vínculo (Bion, 1962). O autor propõe que *“uma experiência emocional não pode ser concebida isolada de uma relação”* e sugere a existência de três emoções básicas (Amor, Ódio e Conhecimento) que estão intrínsecas em uma relação de objetos, seja esta uma relação com uma outra pessoa ou com aspectos de si mesma (pág 42).

Com Rosa, apesar de relutante por um breve momento, Manuela assume a função de ser sua mãe:

— “Você não tem o direito de me pedir para ser a sua mãe. Você já tem uma, mesmo que não goste dela. Nós não podemos escolher os nossos pais, eles são o que são!”

Com a autorização da mãe biológica de Rosa, Manuela a acolhe em sua casa, cuida de sua doença e a acompanha nas consultas médicas e no parto. Penso que foi o nascimento desta dupla mãe-filha (Manuela-Rosa) que favoreceu a possibilidade do nascimento e sobrevivência do bebê Esteban.

E Manuela encontra a possibilidade de preservação da sua mente no exercício da sua função materna. Manuela é, autenticamente, mãe. E exercer tal função também é a sua salvação. Mesmo que, no final, seja com um outro Esteban que não aquele que nasceu de seu ventre.

#### 4. AUTÊNTICIDADE (Ser O)

Penso que a autenticidade é uma conquista. A conquista de uma permissão interna para se poder ser quem se é. Mesmo que não possamos ser qualquer outra pessoa, é preciso se autorizar a ser a si mesmo. E, para tanto, o custo é alto, assim como a sensação de liberdade conquistada.

Bion (1970) propõe que, em um processo analítico, o valor terapêutico do que é transformado a partir da experiência emocional verdadeira vivida com o paciente (ser realidade última, O) é maior do que aquilo que pode ser conhecido (K) pelo paciente.

Agrado, quando literalmente toma conta da cena e começa a contar sobre sua vida, diz:

— “Custa caro ser autêntica. Nessas coisas não se deve economizar, porque ficamos mais autênticas quanto mais nos parecemos com o que sonhamos ser.”

Como pai, ofereci metade da minha carga genética para os meus filhos. Esta é apenas uma das inúmeras heranças que deixo para eles. Entre tantas outras, podemos pensar que algumas das heranças que deixo são a forma como eu me relaciono com eles; como eu me relaciono com a minha esposa e mãe deles; e como eu me relaciono comigo mesmo.

Ao funcionar como um modelo de mente para eles, a minha responsabilidade sobre como me relaciono comigo mesmo ganha outras dimensões. Ser autêntico com quem eu

sou, com os meus sonhos, com a minha verdade, servirá de alicerce para o desenvolvimento emocional dos meus filhos. E isso é caríssimo!

Lola deixa para seu filho, bebê-Esteban, a “herança” que mata sua mãe. Esteban já nasce órfão. Porém, poderá contar com a maternidade de Manuela. E esta com ele. Uma dupla viva e criativa que permite a cicatrização das feridas. Para o bebê-Esteban, a cura da AIDS, e para Manuela a perda do filho.

Gostaria de terminar meu comentário dizendo que este é um filme em homenagem às mulheres, em homenagem às mães, em homenagem à mãe de Almodóvar. E, nas próprias palavras do diretor:

— “Este filme é sobre maternidade. E sobre mulheres que podem atuar, algumas vezes no palco e algumas vezes na vida real”.

Para mim, escrever este texto foi também uma homenagem à minha mãe, que pôde favorecer o meu “des-envolvimento”, minha criatividade e a minha maternidade sendo pai dos meus filhos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bion, W. R. (1957/1967). Sobre a arrogância. Em *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Bion, W. R. (1962a/1967). Uma teoria sobre o pensar. Em *Estudos psicanalíticos revisados: second thoughts*. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Bion, W. R. (1962b). Learning from experience. London: H. Karnac (Books) Ltd.
- Bion, W. R. (1970). Atenção e interpretação. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Bion, W. R. (1977). Cesura. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. Vol. 15: pág 123 (1981)
- Ferro, A. (2005). Fatores de doença, fatores de cura - gênese do sofrimento e da cura psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago Editora
- Rosa, J. G. (2001). A hora e vez de Augusto Matraga, Em *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira
- Sandler, P. C. (2005). The language of Bion - a dictionary of concepts. London: H. Karnac (Books) Ltd.